

Na ocasião dos eventos renovam-se cidades - os casos de Barcelona e Lisboa

Maria Assunção GATO¹

Departamento de Antropologia
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa
e-mail: saogato@iol.pt

Resumo

Os grandes eventos internacionais como as Expo's, os Jogos Olímpicos e, agora também os Fóruns, afirmam-se cada vez mais como importantes catalisadores de renovação urbana. Na oportunidade da sua realização surgem grandes projectos infraestruturais e urbanísticos, que ambicionam converter territórios marginais à cidade em novas centralidades multifuncionais e com elevados padrões de qualidade de vida e ambiental.

Este artigo explora a oportunidade de renovação que as cidades de Barcelona e Lisboa tiveram para que, através de três eventos internacionais como os Jogos Olímpicos (Barcelona'92), a Expo'98 (Lisboa) e o Fórum Barcelona 2004, recuperassem espaços tidos como marginais até então.

A comparação de três eventos internacionais de natureza tão diferente permite confirmar que, independentemente dos seus objectivos mais imediatos, eles são a ocasião ideal para acrescentar novos fragmentos de cidade ao território das metrópoles, de acordo com um novo conceito de conceber, construir e habitar o espaço. Assiste-se então à fragmentação das cidades e das sociedades, à valorização da dimensão estética e simbólica dos espaços, à composição de identidades com base em estilos de vida e padrões de consumo cultural. Os três projectos urbanos aqui em análise permitem estabelecer importantes correspondências nesta nova forma de "fazer cidade", num tempo dito de pós-modernidade.

Palavras-chave: Renovação Urbana, Novas Centralidades, Estilos de Vida, Consumo Cultural.

¹ Doutoranda em Antropologia e bolsista da Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Abstract

The great international events as the Expo's, Olímpic Games and now also the Forums, act each time more as important catalysers of urban renewal. Taking advantage from this events great infrastructure and urban projects appear, trying to convert marginal territories of the city to new multi-functional centrality's, with high quality of life and environment.

This articles explore the opportunity that two cities, Barcelona and Lisbon, had through three international events, Olympic Games (Barcelona 92), Expo 98, (Lisbon) and the Forum 2004 (Barcelona), to renew parts of the city that were until then marginal to it.

The comparison of three international events of different nature allows also to confirm that, independently of its more immediate purposes, they are the ideal situation to add new fragments of city to the territory of the metropolis, according to a new concept of thinking, building, inhabit and living the space. Therefore can be seen the fragmentation of cities and societies, the increase of the aesthetic value and symbolic dimension of the space, the arise of new identities based in new lifestyles and new patterns of cultural consumption. The analysis and comparison of three different urban projects in this article allow understanding important correspondences to this new form "to make city", in a so called time of post-modernity.

Keywords: Urban Renewal, New Centrality's, Lifestyles, Cultural Consumption.

Résumé

Les grands évènements internationaux comme l'Expo, les Jeux Olympiques et maintenant le Forum s'affirment de plus en plus comme d'importants catalyseurs de rénovation urbaine. À l'occasion de leurs réalisations, apparaissent de grands projets infrastructuraux et urbanistiques, qui ont pour ambition la conversion des territoires marginaux à la ville en de nouvelles centralités multifonctionnelles avec un grand degré d'exigence de qualité de vie et environnementale.

Cet article exploite l'opportunité de rénovation que les villes de Barcelone et de Lisbonne ont subi, à travers les trois évènements internationaux tels que les Jeux Olympiques (Barcelone '92), l'Expo '98 (Lisbonne) et le Forum Barcelone 2004, permettant ainsi la régénération des espaces considérés comme marginaux jusqu'alors.

La comparaison de ces trois évènements internationaux de nature si différente, nous permet de confirmer qu'ils correspondent à des moments parfaits pour ajouter

de nouveaux fragments de ville au territoire des métropoles, en accord avec un nouveau concept de concevoir, de construire et d'habiter l'espace, indépendamment de ses objectifs les plus immédiats. On assiste donc à la fragmentation des villes et des sociétés, à l'exploitation de la dimension esthétique et symbolique des espaces, à la composition d'identités soutenues en styles de vie et des modèles de consommation culturelle. Les trois projets urbains ici analysés nous permettent d'établir des ressemblances significatives dans cette nouvelle forme de «faire la ville», dans un temps de post-modernité.

Mots-clés: Rénovation Urbaine, Nouvelles Centralités, Styles de Vie, Consommation Culturelle

1. Introdução

Em pleno processo de globalização, cada vez mais dominado pela natureza efémera das relações sociais e dos acontecimentos, é crescente o número de cidades que concorrem a um papel de destaque internacional através da organização de múltiplos e variados eventos. Estes, não deixando de ser efémeros, têm provado ser a oportunidade ideal para as cidades anfitriãs promoverem a sua centralidade face aos territórios nacionais e internacionais, bem como para realizar obras estruturantes ao seu crescimento e desenvolvimento - como são as infraestruturas de transporte, circulação, comunicação e inovação tecnológica – grandes equipamentos desportivos, recreativos, comerciais, culturais e novos parques habitacionais.

Pode-se dizer actualmente que os grandes eventos internacionais como as Expo's, os Jogos Olímpicos ou os Fóruns (se a moda pegar), deixaram de estar associados ao paradigma das cidades efémeras para funcionarem enquanto catalisadores transformistas das cidades da Nova Era, ou da pós-modernidade, como também são conhecidas. Nelas sobressai a inovação tecnológica, bem como os novos conceitos de conceber, construir e habitar o espaço urbano e, tal como acontece com os eventos que as justificam, também estas cidades parecem alicerçar-se numa concepção espacial centrada no espectáculo e no consumo: o espectáculo das construções e das soluções urbanísticas que distinguem arquitectos e seleccionam utilizadores em solos recuperados da degradação e abandono; o consumo do espaço enquanto bem simbólico e identificador de grupos, representações sociais e estilos de vidas.

A Expo'98 de Lisboa encaixa neste contexto como apenas mais um exemplo de uma boa oportunidade "inventada" pela cidade para recuperar, para uso urbano, terrenos industriais e portuários, onde foi possível testar soluções urbanísticas originais e criar cenários excepcionais, ao abrigo da tripla operação de reconversão,

requalificação e revitalização espacial. Entretanto, importará aqui referir que este modelo de intervenção urbana não é uma invenção portuguesa, nem a viragem das cidades para o necessário ordenamento das suas frentes ribeirinhas se iniciou em Lisboa.

2. De Espanha também vem inspiração

Em Portugal, parece ter-se despertado para as vantagens da aplicação de um *marketing* territorial suportado na realização de grandes eventos quando Espanha consegue para o ano de 1992, a realização dos Jogos Olímpicos em Barcelona e a Exposição Universal em Sevilha. Foram dois grandiosos eventos que necessitaram de avultados e redobrados investimentos por parte do estado espanhol. Mas à custa deles, também se conseguiu recolher junto da União Europeia financiamentos excepcionais para obras estruturantes nas cidades anfitriãs que, de outra forma, talvez não se realizassem com igual rapidez nem com as mesmas dimensões.

Mas tão importante como a herança das infraestruturas e das transformações urbanísticas, foi a projecção e a visibilidade que estes eventos deram a Espanha enquanto país e às respectivas regiões da Andaluzia e da Catalunha, onde foram gerados importantes investimentos, emprego, riqueza e inovação tecnológica.

O projecto pós-expositivo concebido para Sevilha propunha precisamente a reconversão do recinto da Expo'92 num Espaço Metropolitano para a Ciência e Cultura, a ser dividido em três sectores: espaço para a inovação, complexo tecnocultural e uma zona administrativa e de serviços. Assim, convertia-se a ilha da Cartuxa num grande núcleo empresarial e de investigação tecnológico-científica, garantindo a rentabilização de boa parte dos investimentos públicos aí aplicados.

Entretanto, este projecto acabou por não se desenvolver como inicialmente se previra devido a factores de natureza política, urbanística e económica, nomeadamente, a transferência da responsabilidade de gestão daquele espaço para o *Ayuntamiento*, após as eleições regionais de 1991 e o acesso que os grupos económicos privados passaram a ter sobre ele, fazendo valer os seus interesses especulativos. Ficaria assim demonstrado como os interesses económicos podem subverter um bom projecto urbanístico; «No hay duda de que las presiones del mundo de los negocios y los intereses políticos creáran una especie de híbrido com un complejo de oficinas, un parque de tecno-atracciones, un campus universitario y unos centros de I+D.» (Castells-Hall, 1994: 288).

No caso de Barcelona, um dos aspectos que frequentemente é apontado como o mais decisivo para o sucesso dos Jogos Olímpicos enquanto evento e, sobretudo, no respectivo impacte urbano que deixou de herança, foi o facto de terem sido assumidos por todos - desde os diferentes órgãos de poder à opinião pública - como

os Jogos da cidade e para a cidade. Talvez tenha sido este o factor que marcou a diferença no forte exercício de projecção e planeamento da imagem publicitária que Barcelona desenvolveu aos níveis interno e externo, tornando-se mesmo num Modelo para outras cidades mundiais em termos de promoção e marketing territorial.

Com efeito, a organização destes Jogos Olímpicos era a oportunidade aguardada há muito por Barcelona para dar início a um enorme projecto de renovação urbana, centrado na recuperação da fachada marítima. A abertura da cidade ao mar através do programa urbanístico da Vila Olímpica seria apenas o primeiro passo e o mais significativo para a realização deste objectivo, não só pelas suas dimensões mas porque permitia a articulação com os outros dois projectos de frente de mar que lhe davam continuidade, nomeadamente, o prolongamento da longa avenida Diagonal até ao mar e a renovação da foz do rio *Besòs*.

Desta forma, o plano urbanístico concebido para receber os Jogos afirma-se como o grande projecto de reconversão de uma parte importante da cidade, que opta por situar todas as zonas olímpicas dentro do contínuo urbano, procurando a articulação de áreas intersticiais vazias com o centro e o surgimento de novas centralidades, sobretudo em áreas mais periféricas e carentes de equipamentos e serviços. Dentro desta lógica, decidiu-se construir a Vila Olímpica na zona ribeirinha contígua à *Ciudadela* – um espaço há muito desqualificado devido à presença da indústria e de infraestruturas portuárias e ferroviárias – o que permitiu a «(...) oportunidad única de utilización de un suelo central de bajo valor comercial y por tanto susceptible de uso reequilibrador(...)» (Busquets, 2004).

Perante os Jogos Olímpicos de Barcelona, a Exposição Universal de Sevilha acabou, de certa forma, por ser remetida para um segundo plano, vendo-se ainda apontada como um mau exemplo de planeamento relativamente ao período pós-evento. Com efeito, foi esta a opinião correntemente divulgada pelos responsáveis do projecto Expo'98 de Lisboa que, desde o seu início, puderam retirar importantes ensinamentos dos dois exemplos espanhóis, nomeadamente, salvaguardar a futura reutilização dos equipamentos necessários à Expo'98 de acordo com um programa de necessidades urbano-metropolitanas e procurar financiar quase todo o projecto com a venda de terrenos da área envolvente a reabilitar.

Assim, Lisboa ganhou a realização da Expo'98 com um projecto que, retirando muitas das ideias da festa e do espaço expositivo de Sevilha, apresentava grandes semelhanças com o modelo urbano de Barcelona:

- “ A expansão urbana a ocidente e para o interior haviam determinado a fixação das actividades industriais e portuárias no extremo oriental das duas cidades;
- “ A decadência e o progressivo abandono daquelas actividades levaram a que o seu espaço de implantação apresentasse as mesmas características e problemas;

- “ Repetia-se o cenário da frente de água abandonada, poluída e afastada das cidades pelas barreiras físicas rodoviárias e ferroviárias, necessitando de acções de recuperação semelhantes;
- “ Apresentava-se a oportunidade ideal de devolver às cidades um pedaço privilegiado do seu território, devidamente renovado e capaz de oferecer qualidade de vida e ambiental;
- “ Esta recuperação permitiria, simultaneamente, a realização de um projecto urbano ambicioso, inovador, rápido e aparentemente lucrativo para todas as partes e com possibilidades de propagar algum dinamismo para os tecidos urbanos envolventes;
- “ Além de uma nova centralidade, as cidades ganhariam uma nova imagem de modernidade, inovação e desenvolvimento para as promover nacional e internacionalmente.

Em Barcelona, não obstante a importância dos equipamentos desportivos e das novas infraestruturas viárias e ferroviárias que passaram a permitir o acesso aos 5 quilómetros de faixa marítima, pode-se dizer que a herança mais expressiva dos Jogos foi a Vila Olímpica; um parque urbano projectado para alojar os atletas durante os Jogos e que depois se converteria numa “nova cidade” aberta ao mar e às praias recuperadas, privilegiando as actividades de recreio e lazer e oferecendo aos habitantes e visitantes um novo conceito de qualidade de vida urbana.

Por cá, aproveitou-se a Expo’98 para projectar igualmente uma “nova cidade” com cerca de 330 hectares que também se estendem ao longo de 5 quilómetros de frente de rio e que, de certa forma, não deixa de ser uma cópia ampliada e bem mais densa da Vila Olímpica. Em Lisboa repetiram-se algumas das boas soluções urbanísticas - como são os passeios ribeirinhos/marítimos, os espaços verdes e os públicos que convidam às actividades de recreio e lazer – mas parece que não se conseguiu evitar algumas das fragilidades mais comuns a este modelo de cidades ocasionais, nomeadamente, o ritmo demasiado acelerado da sua construção, a grande flexibilidade no cumprimento e alteração dos planos urbanísticos ao abrigo de um regime legislativo excepcional e a permissividade face aos diferentes poderes e interesses económicos.

3. A Vila Olímpica na Cidade Expo’98?

Com pouco mais de 50 hectares de superfície, a Vila Olímpica foi projectada para ser um novo bairro que, não deixando de dar continuidade à cidade dos quarteirões de Cerdà – manteve a altura dos edifícios e o seu alinhamento face às ruas, mas diminuiu a densidade dos quarteirões e aproveitou o seu interior para jardins

colectivos e alguns equipamentos - permitiria a sua abertura e acesso ao litoral através de um espaço urbano complexo, multifuncional e absolutamente renovado.

A intenção de evitar a formação de um espaço isolado ou de uma espécie de *ghetto* urbano foi explicitamente defendida pelos responsáveis do projecto da Vila Olímpica de Barcelona e, alguns anos mais tarde, repetida pelos do projecto de Lisboa. Daí o objectivo de criar territórios urbanos multifuncionais e dotados de todas as condições físicas para se afirmarem como uma nova centralidade, com espaços públicos atractivos e equipamentos susceptíveis de lhes imprimir uma vivência urbana, dinâmica e agradável.

Assim, nos dois casos aprovaram-se projectos urbanos que propunham um desenho simples de quadrícula, com as avenidas principais a desenvolverem-se paralelas ao litoral. Para executar o projecto, formaram-se empresas públicas de gestão de capitais essencialmente privados, que funcionaram de modo muito semelhante em termos de expropriações de terrenos, demolições, construção e até especulação sobre os preços das habitações, o que acabou por resultar num espaço urbano muito equivalente também em termos sociais.

De acordo com Joan Busquets, o plano urbanístico da Vila Olímpica elaborado em 1986 «(...) era capaz de oferecer a la ciudad un barrio socialmente diversificado, evitando la selección ecológica de las puras leyes de mercado.» (2004: 400). Com efeito, a expropriação a baixo preço realizada naqueles terrenos e a intervenção do sector público ao nível das infraestruturas, permitiria evitar efeitos especulativos. Assim, um dos pressupostos implícitos neste projecto era a intenção do município de Barcelona colocar no mercado uma boa parte das novas habitações a preços acessíveis.

Entretanto, a posterior entrada do sector privado no financiamento deste projecto, sendo decisiva para a sua realização, também acabou por contrariar aqueles pressupostos iniciais. A construção do parque habitacional da Vila Olímpica passou a ser da responsabilidade de uma empresa privada especialmente constituída para o efeito, que colocou as habitações no mercado a preços superiores aos valores médios praticados naquela cidade (Nel.lo, 1999).

Desta forma, as cerca de 2 000 unidades residenciais projectadas para alojar uma população de 6 000 habitantes, acabaram por formar um novo bairro urbano, dirigido a estratos socio-económicos mais elevados. É claro que esta inversão resultou em fortes críticas ao projecto e à actuação do sector público que, entretanto, argumentaria com a incapacidade de criar com recursos próprios, habitações públicas num espaço tão central e representativo da cidade, acrescentando que, mais importante do que os destinatários destas habitações era a recuperação dos espaços públicos ribeirinhos para usufruto de toda a cidade (Nel.lo, 1999).

Regressando a Lisboa, pode-se dizer que o desfecho do projecto urbanístico foi bastante idêntico em termos de preços e de destinatários-alvo a este novo mo-

delo de cidade, projectada para alojar cerca de 25 000 habitantes. Nela, o espaço público ribeirinho é usado como elemento diferenciador para quase tudo – qualidade e preço das habitações, prestígio e estatuto social, estilo de vida, funções urbanas, imagem estética das construções, excepcionalidade do conjunto urbano - e também como um dos grandes benefícios conseguidos pelo projecto em proveito de toda a população metropolitana, à imagem do exemplo de Barcelona. Só que no caso da Cidade Expo'98, assumiu-se desde o início que só a venda do projecto urbano ao sector privado viabilizaria a realização da Exposição Mundial, pelo que já era esperada a construção de um fragmento de cidade, socialmente dirigida a certos estratos populacionais.

Com base nestes objectivos, a cidade Expo'98 protagonizou a melhor operação de marketing realizada em Portugal sobre um projecto imobiliário, assente precisamente num espaço idílico para se viver. Surgia assim uma espécie de “cidade ideal”, concebida à grande escala mas atenta aos pormenores, suportada em tecnologias de ponta, de elevada qualidade ambiental e capaz de proporcionar aos seus habitantes um estilo de vida único quando comparada com outras zonas privilegiadas da cidade de Lisboa.

Sobre o perfil destes habitantes, algumas observações permitem dizer em breves linhas que:

- “ parecem desejar estar no centro da cidade sem perder referências ao campo;
- “ procuram conjugar os ritmos intensos de trabalho com as múltiplas opções de recreio e lazer de horários alargados que os cercam;
- “ defendem um modelo de cidade pedonal e a valorização dos espaços públicos mas continuam dependentes do transporte individual para a mobilidade quotidiana;
- “ insistem na procura de traços identificadores da vida de bairro nos novos condomínios, que não deixam de facilitar o anonimato e o individualismo;
- “ encontram no consumo de bens raros e esteticamente excepcionais o elemento de distinção social de que necessitam para se identificarem com determinados grupos sociais e respectivos estilos de vida.
- “ encaram os seus espaços de acção e relação enquanto objectos de consumo, socialmente diferenciadores e culturalmente prestigiantes.

Através da observação destes traços caracterizadores muito gerais, reconhece-se nos destinatários desta cidade a nova geração de *urbanitas* que resulta de uma cultura de consumo cada vez mais informada, exigente e complexa na quantidade de objectos que consome, nos significados que lhes atribui e na incessante busca de novas referências. Neste contexto, também se pode entender o próprio

espaço enquanto um dos principais objectos destinados ao consumo e, através deste, à composição identitária dos sujeitos.

Com base nesta leitura, pode-se reconhecer na cidade Expo'98 as características que a transformam num Espaço Produzido, no sentido Lefebvriano do termo (Lefebvre, 1986). Com efeito, ela não só foi “produzida” à luz de uma determinada concepção e vivência social que é dominante nesta época de pós-modernidade, como vai ganhando sentidos, significados e identidades com o estabelecimento das práticas sociais quotidianas.

Entretanto, estes sentidos, significados e identidades, na medida em que não são independentes da sociedade que os gera, também se prestam às manipulações inerentes à onda de consumismo que vem crescendo nas últimas décadas. Daí o alerta feito por Castells (1998) relativamente ao perigo da instrumentalização das identidades locais com referências globais, desconectadas, cosmopolitas e fraccionantes do grupo social. Mas também o de Jordi Borja, que anuncia para breve uma “morte da cidade” pelo fim do espaço público, devido ao actual modelo económico e social de entender e fazer cidade. Segundo este autor, a vida urbana converte-se em produto imobiliário, o cidadão em consumidor e a “nova cidade emergente” – composta por peças, produtos, arquitecturas de objectos/mercadoria - surge fragmentada, socialmente segregadora, economicamente pouco produtiva e politicamente ingovernável, negando o próprio conceito de cidade e os seus valores democráticos (Borja, 2003).

Não partilhando totalmente deste pessimismo de mudança, pode-se dizer que os dois exemplos de produção de cidade que têm vindo a ser analisados reflectem estas novas tendências sociais, económicas, culturais e, também conceptuais, do espaço urbano. Com efeito, tanto a Vila Olímpica como a cidade Expo'98 surgiram na oportunidade de recuperar uma parte considerável de um território urbano em proveito de todos os cidadãos. Mas, não deixam de ser fragmentos, onde os condomínios privados e a privatização de espaços públicos também são realidades observáveis e que parecem vulgarizar-se cada vez mais, à luz de um determinado conceito de qualidade de vida e de prestígio social. É claro que tudo isto, por sua vez, também não é indissociável das imagens publicitárias que promovem estes espaços enquanto objectos de consumo, facilmente conversíveis em espectáculos de consumo (Baudrillard, 1981).

Na verdade, a Vila Olímpica converteu-se numa das zonas mais turísticas de Barcelona, oferecendo uma vasta gama de actividades lúdicas, entre as quais se destaca o porto de recreio e as praias. A sua imagem equivale a um bairro de elevado prestígio social, com apartamentos de luxo desenhados por arquitectos e urbanistas famosos. A frente marítima confere-lhe um carácter de excepcionalidade e talvez seja todo esse cenário que cativa tantos visitantes permanentemente.

Um dos principais problemas que afecta os residentes da Vila Olímpica é precisamente a quantidade de visitantes que ali se desloca aos fins-de-semana e os

consequentes actos de vandalismo, ruído, tráfego e insegurança, já para não falar dos sentimentos de “invasão” que devem ser desencadeados de uma forma espontânea junto dos primeiros.

Na cidade Expo’98 também se pode verificar a repetição deste cenário. Para além da falta de muitos equipamentos necessários à manutenção das normais rotinas quotidianas da população, esta também parece sofrer com algumas situações inerentes ao facto de habitar num espaço que dispõe de uma vasta oferta de actividades e serviços, que emprega cerca de 18 mil pessoas e que continua sendo bastante atractivo em termos de actividades de lazer. Mas nada disto impede que alguns residentes aproveitem os fins-de-semana para usufruir dos seus passeios de bicicleta à beira-rio, juntamente com muitos outros visitantes, ou que gozem os múltiplos espaços de comércio e restauração existentes, ainda que tenham que contar com a realidade do estacionamento caótico, com a dificuldade em retirar os automóveis das respectivas garagens ou ainda, com a presença indesejada de múltiplos utilizadores e consumidores desta cidade multifuncional.

A existência de actores com diferentes possibilidades de viver o espaço é, por si só, uma definição de cidade. O conflito aqui implícito será apenas mais uma situação que resulta da sua complexidade. E se as memórias e os simbolismos ligados aos espaços públicos também se incluem no preço da habitação, então este conflito inerente ao próprio estatuto do espaço público não será de fácil resolução. De um lado estarão os habitantes a tentar privatizar o espaço público, na medida em que ele também faz parte do Todo que estão a consumir. Do outro lado, haverá um vasto grupo de visitantes que também têm o mesmo direito aos espaços públicos e às suas memórias, ainda que através de um consumo diferente do espaço.

Volvidos quase 7 anos sobre o início da construção desta nova cidade, que inicialmente se previa estar concluída em 15 anos, estima-se que até ao final de 2007 ela já comporte os 25 mil habitantes inicialmente previstos. Na verdade, o enorme sucesso conseguido na promoção imobiliária fez acelerar de tal forma o ritmo de construção que o Plano habitacional já se encontra quase concluído.

Quanto mais denso vai ficando o espaço construído mais crescem e se manifestam os receios dos actuais habitantes relativamente ao futuro. Com efeito, a Associação de Moradores alerta para o excesso de construção e consequente especulação em espaços anteriormente afectos a zonas verdes, adivinhando-se para breve o agravamento da qualidade de vida dos residentes que, actualmente, já se confrontam com alguns problemas de habitabilidade que vão além da falta de alguns equipamentos e infraestruturas. Com as obras a terminar, também parece surgir cada vez com mais evidência uma certa imagem negativa de “periferia” neste território, concebido para ser um centro urbano de luxo.

4. E um Fórum como conclusão

Ao longo da comparação entre a Vila Olímpica de Barcelona com a cidade Expo'98 de Lisboa, procurou-se estabelecer uma série de paralelismos entre os projectos - nas suas respectivas formas e conteúdos - e entre os espaços físicos de suporte. Mas não será demais lembrar que estas mega-intervenções urbanas, tanto surgem da necessidade de recuperar para a cidade os seus antigos territórios industriais e portuários (que foram abandonados na sequência da normal evolução tecnológica), como essa recuperação só parece viável se encarada enquanto “projecto especial”, no âmbito da realização de um grande evento com projecção internacional. Entretanto, também não se podem descurar as observações e os ensinamentos obtidos através de outras experiências urbanas internacionais e o efeito de contágio que daí parece resultar.

Retorna-se pois ao ponto de partida, ou seja, à confirmação dos eventos enquanto ocasiões ideais para re-inventar as cidades através de imagens de inovação; constroem-se novas infraestruturas, renovam-se espaços abandonados, erguem-se novas centralidades e promove-se a excepcionalidade de todas estas características a diferentes escalas.

Com efeito, a sobreposição de diferentes escalas de actuação, os múltiplos intervenientes e a diversidade de interesses que eles colocam em jogo, são características inerentes aos processos de transformação urbana que surgem no pretexto dos grandes eventos. Daí que não seja de admirar a crescente competição entre cidades pela sua realização, nem a invenção de novos acontecimentos à custa de reciclagens e colagens de outros, como bem demonstrou o Fórum Barcelona 2004, definido por Joan Clós, alcaide da cidade, como «Não [sendo] umas olimpíadas, nem uma exposição universal, nem um parque temático, mas sim um pouco de tudo isso e muito mais».²

Para completar o antigo projecto de recuperação da fachada marítima de Barcelona, havia que urbanizar os 180 hectares de terreno entre a Vila Olímpica e a foz do rio *Bèsos*, uma faixa equivalente a 3 quilómetros de costa, destinada a ser repartida por praias, novas áreas de habitação e comércio, hotéis, centro de congressos, instalações universitárias e parque zoológico marinho. Mais uma vez, tratava-se de converter uma das áreas mais extremas e degradadas da cidade de Barcelona num polo central, bem infraestruturado e inovador.

Assim, o ano de 2004 apresentava-se como a data ideal para realizar uma Exposição Universal e esta, a ocasião necessária para dar corpo àqueles projectos urbanos. Só que depois do evento anunciado pelo governo de Barcelona, a entidade responsável pela sua regulamentação e aprovação (*Bureau International des*

² Jornal Público, 25/9/2004, p.47.

Expositions) inviabiliza-o por sobreposição a outros acontecimentos já previstos. Este facto levou à necessidade de manter a realização do evento sob a designação inédita de Fórum, deixando para mais tarde a definição dos seus conteúdos. Desta forma, inicia-se a concertação pública e privada que já havia funcionado para os Jogos Olímpicos e começam a surgir as marcas da transformação urbana.

Mas ao contrário dos Jogos, este Fórum não cativou a população nem a opinião pública:

- “ Os seus conteúdos (diversidade cultural, paz e sustentabilidade) foram definidos demasiado tarde e acusados de incoerência face a patrocinadores promotores de indústrias de guerra, de poluição e de clivagens sociais e culturais;
- “ Os custos revelaram-se demasiado elevados se comparados com os efeitos e benefícios reais para a população mais próxima;
- “ A oportunidade foi encarada como um pretexto institucional para desenvolver uma grande operação urbanística e imobiliária.

Terminado o Fórum, confirmaram-se os fracassos na afluência de público, nas receitas previstas, no impacte nacional e internacional e no reforço da aposta turística. Mas a cidade recuperou e integrou uma zona degradada, completando assim a renovação da sua frente marítima. De certa forma, pode-se dizer que, apesar do fracasso do espectáculo multicultural, o principal objectivo do Fórum Barcelona 2004 foi atingido.

Para concluir pode-se dizer que esta forma de renovar e “fazer cidade” através dos eventos, talvez não seja a mais coerente para com um desenvolvimento urbano que se quer equilibrado, contínuo, bem planeado a diferentes escalas, democrático e propiciador de melhor qualidade de vida para a generalidade da população urbano-metropolitana. Com efeito, verifica-se que se existem bons projectos urbanos, também existem muitos interesses e poderes económicos por detrás deles, bem como regimes de gestão e planeamento excepcionais que permitem quase tudo.

Desta associação de factores frequentemente resultam verdadeiras “ilhas” urbanas, que tanto se distinguem pela inovação e qualidade do espaço construído como pela selectividade do seu público. Esta ambiguidade faz pensar nelas como a negação de um velho conceito de cidade compacta, cidadã e democrática ou, como a confirmação de mudanças profundas também no conceito de cidade, agora reduzida a um conjunto disperso e fragmentado de espaços centrais, destinados a serem consumidos por diferentes públicos, de diferentes maneiras, socialmente significantes e culturalmente produtores de significado.

Referências bibliográficas

- BAUDRILLARD, Jean (1981), *A Sociedade de Consumo*, Edições 70, Lisboa.
- BORJA, Jordi; MUXÍ, Zaida (2003), *El Espacio Público: Ciudad y ciudadanía*, Electa, Barcelona.
- BUSQUETS, Joan (2004), *Barcelona: La construcción urbanística de una ciudad compacta*, Ediciones del Serbal, Barcelona.
- CASTELLS, Manuel; HALL, Peter (1994), *Tecnópolis del Mundo, la Formación de los Complejos Industriales del Siglo XXI*, Alianza Editorial, Madrid.
- CASTELLS, M (1998), *The information age: Economy, society and culture*, vol. III, End of millennium, Blackwell, Oxford.
- FERREIRA, V. M.; LUCAS, J.; GATO, M. A. (1999), “Requalificação Urbana ou Reversão Urbanística?” in V. M. Ferreira e F. Indovina (orgs.) *A Cidade da Expo’98: Uma Reversão na Frente Ribeirinha de Lisboa?*, Editorial Bizâncio, Lisboa.
- GATO, M. A. (1997), *Expo’98 – Uma Ocasão para Construir Cidade*, UNL, Fac. Ciências Sociais e Humanas, Lisboa (policopiado).
- LEFEBVRE, Henri (1986), *La Production de L’Espace*, Anthropos, Paris.
- NELLO, Oriol (1999) “A Transformação da Frente de Mar de Barcelona: Cidade Olímpica, Diagonal Mar e Besòs” in V. M. Ferreira e F. Indovina (orgs.) *A Cidade da Expo’98: Uma Reversão na Frente Ribeirinha de Lisboa?*, Editorial Bizâncio, Lisboa.
- NÓVOA, Manuel (1998), “Una reflexión sobre la reciente transformación de Barcelona” in *Revista da Faculdade de Letras – Geografia*, 1 série, Vol. XIV, Porto.
- SALGUEIRO, Teresa Barata (2002), “Ainda em torno da fragmentação do espaço urbano” in *Inforgeo*, 14, Edições Colibri, Lisboa.